

Análise de conteúdo da exposição “Miradas do Porvir” do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville - SC

Content analysis of the exhibition “Miradas do Porvir” at the National Museum of Immigration and Colonization in Joinville - SC

Autora: Isabela Martini Pereira¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as narrativas históricas presentes na exposição de longa duração “Miradas do Porvir” do Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC) de Joinville. A metodologia emprega uma abordagem qualitativa, com procedimentos bibliográficos e documentais, utilizando a técnica de análise de conteúdo, onde foram elencadas categorias de análise levando em conta os aspectos de raça, classe e gênero. A análise dos dados constatou que o museu tem uma preocupação em contar novas narrativas da história da cidade que outrora foram marginalizadas pela história oficial e pela própria instituição museal. No entanto, os resultados demonstraram que ainda percebe-se a prevalência da perspectiva do imigrante europeu acima de outros sujeitos da história de Joinville, como por exemplo: a população negra, indígena e a classe trabalhadora. Notou-se também na análise que os estereótipos de gênero são reafirmados na exposição. Portanto, conclui-se que existe uma disputa de narrativas relacionadas à história de Joinville, principalmente por conta da atuação dos movimentos sociais que questionam a história hegemônica da cidade.

Palavras-chave: Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville; Miradas do Porvir; Disputas de narrativas.

Abstract: The objective of this article is to analyze the historical narratives present in the long-term exhibition “Miradas do Porvir” at the National Museum of Immigration and Colonization (MNIC) in Joinville. The methodology employs a qualitative approach, with bibliographic and documentary procedures, using the content analysis technique, where analysis categories were listed taking into account aspects of race, class and gender. Data analysis found that the museum is concerned with telling new narratives of the city's history that were once marginalized by official history and by the museum institution itself. However, the results demonstrated that the European immigrant perspective still prevails above other subjects in the history of Joinville, such as: the black and indigenous population and the working class. It was also noted in the analysis that gender stereotypes are reaffirmed in the exhibition. Therefore, it is concluded that there is a dispute of narratives related to the history of Joinville, mainly due to the actions of social movements that question the hegemonic history of the city.

Keywords: National Museum of Immigration and Colonization of Joinville; Miradas do Porvir; Narrative disputes.

¹ Graduanda em História na Universidade Federal de Santa Catarina, isa.martinipereira@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Antes de adentrar no artigo, partindo da noção de saber localizado de Donna Haraway (1995), vale mencionar que eu sou uma mulher, cis, branca, da classe trabalhadora, nascida em Joinville/SC, que se mudou após vinte anos morando na cidade para estudar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis/SC.

A ideia de escrever esse artigo teve início após a realização de uma breve pesquisa bibliográfica sobre o que já se tinha publicado sobre a cidade de Joinville na Revista Santa Catarina em História. Desse modo, o artigo que mais chamou a atenção foi “O Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville: etnização e exclusão – o caso da erva-mate”, de Elaine Cristina Machado da Universidade do Estado de Santa Catarina e André Rosa da Costa Corrêa da Universidade da Região de Joinville (Univille), publicado em 2014. No artigo, a autora e o autor pretendem analisar todo o contexto expositivo presente no Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC) e problematizar quais os motivos que levaram o museu a deixar em segundo plano toda a produção de erva-mate que transformou a economia de Joinville no fim do século XIX e início do século XX.

Acontece que, em 23 de maio de 2024, foi inaugurada no Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC) a exposição de longa duração chamada “Miradas do Porvir”, que recebeu R\$ 3,6 milhões do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No dia 28 de julho de 2024, a autora deste artigo fez uma visitação a essa nova exposição. Neste dia, estava acontecendo o 6º Festival do MNIC. Evento que tinha como objetivo “tornar o espaço em ambiente para manifestações da cultura material e imaterial de diversas nacionalidades, elementos da vivência migrante e na relação afetiva com as próprias identidades”, como explica uma notícia do site da Prefeitura de Joinville. Sua programação consistia em exibir manifestações de cultura, gastronomia e artesanato de diversos países. Dentre estes, o que mais chama a atenção foi que o museu estava promovendo um evento que não só exaltasse a imigração europeia ou germânica, o que é frequentemente feito na cidade de Joinville. Por essa justificativa, considerei importante analisar a nova exposição do museu observando principalmente se ela leva em conta as tramas de uma cidade migrante que é Joinville (Coelho, 2010).

De acordo com o livro “Conceitos-chave de museologia” dos autores André Desvallées e François Mairesse, considera-se que o termo “exposição” pode significar tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto. Para definir o que é uma

exposição os autores, ainda, concordam com a conceituação de Davallon (1986) onde argumenta que a exposição designa ao mesmo tempo o ato de expor coisas ao público, os objetos expostos, e o lugar no qual se passa a exposição. É interessante notar que os autores fazem uma breve história do conceito “exposição”. O termo tem origem no latim *expositio* que possuía o sentido figurado de explicação, de exposto, o sentido literal de uma exposição. A partir do século XVI, a palavra francesa *exposition* tinha o sentido de apresentação (de mercadorias) e, depois, no século XVII, ela passou a designar abandono, apresentação inicial (para explicar uma obra) ou a situação (de um edifício). Mais tarde, no século XVIII na França, a palavra *exhibition*, que se referia à exibição de obras de arte, tinha o mesmo sentido em francês e em inglês, mas o uso francês da palavra *exhibition* para se referir à apresentação de arte seria conferido ao termo *exposition*. No tempo presente, os termos *exposition* – em francês – e *exhibition* – em inglês – têm o mesmo sentido do termo em português “exposição” e aplicam-se tanto ao conjunto de coisas de naturezas variadas e formas distintas, expostas ao público, quanto às próprias coisas expostas e ao lugar onde acontece essa manifestação. O que mais nos interessa é o que os autores comentam acerca do conceito de “espaço da exposição”, pois este será analisado ao longo do artigo na exposição Miradas do Porvir:

O espaço de exposição (...) define-se, então, não somente pelo conteúdo ou por seus suportes, mas também pelos seus utilizadores – visitantes ou membros da equipe de profissionais da instituição –, ou seja, as pessoas que entram nesse espaço específico e participam da experiência geral dos outros visitantes da exposição. Logo, o lugar da exposição apresenta-se como um lugar específico de interações sociais, em que a ação é suscetível de ser avaliada. É isso que propicia o desenvolvimento de pesquisas de público ou de recepção, assim como a constituição de um campo de pesquisa específico ligado à dimensão comunicacional do lugar, mas igualmente ao conjunto das interações específicas no seio deste espaço, ou, ainda, ao conjunto de representações que este pode evocar (2013, p. 43-44).

É válido mencionar que o MNIC é uma instituição museológica criada em âmbito federal por meio da Lei Nº 3.188, de 02 de julho de 1957, situado na cidade de Joinville, norte catarinense. Atualmente, está vinculado à Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Joinville. Por ter tido acesso às informações de uma formação de professores de História do município de Joinville dentro do museu, pude recolher os objetivos da exposição através de sua própria perspectiva.

Sendo assim, “Miradas do Porvir”, título da exposição, traz em seu cerne as diversas formas que os e as imigrantes enxergavam o ato de (i)migrar, ou seja, nessa visão está contida

“as expectativas de um futuro que sempre se quer e espera que seja próspero, repleto de ricas e exitosas experiências, mas que nem sempre o porvir dá conta de superá-las e atendê-las (MNIC, 2024).

A exposição está disposta em 13 salas da residência principal com as temáticas: História da *Maison*; Exposições Temporárias; Sujeitos da Colonização; Modelos de Colônias; Infância; Espaço interativo; Alteridades; Deslocamentos; Miradas do Porvir; Sociabilidades; Contos e Causos; Fé e Religiosidades e Técnicas Construtivas. Atrás do casarão principal, ainda, há a exposição da Casa Enxaimel que, de acordo com o museu, seu objetivo é mobilizar narrativas e reflexões sobre as pequenas propriedades rurais que utilizavam a mão de obra familiar e as relações cotidianas dessas famílias. Também há um pavilhão denominado “Saberes e Fazeres” onde constam algumas máquinas agrícolas, ferramentas e artefatos de trabalho do século XIX.

Desse modo, os objetivos deste artigo são: 1. analisar as narrativas históricas presentes na exposição “Miradas do Porvir” a partir da técnica de análise de conteúdo; 2. problematizar as narrativas da nova exposição levando em conta os aspectos de raça, classe e gênero. Por último, mas não menos importante, é relevante a análise da exposição levando em conta a narrativa hegemônica popularizada da história de Joinville/SC que faz com que as pessoas indígenas e negras da cidade sofram com o “fenômeno da invisibilidade” (Conceição, 2022). Porque a história de Joinville é acometida frequentemente por uma “história única” (Adichie, 2019).

A História oficial de Joinville é sempre contada a partir da chegada dos imigrantes que vieram da Alemanha, Suíça e Noruega, a bordo da Barca Colon, no dia 9 de março de 1851. Esta perspectiva, também conta que a terra foi denominada Colônia Dona Francisca em homenagem à princesa Francisca Carolina, filha de Dom Pedro I, que se tornou herdeira de vinte e cinco léguas quadradas de terra de onde hoje se localiza a cidade de Joinville, após se casar com o príncipe François Ferdinand. Por conta dessa narrativa, Joinville é considerada até hoje como a “cidade dos príncipes”, mesmo que o casal nunca tenha pisado em terras joinvilenses. Por causa dessa “história única” (Adichie, 2019) é fundamental estar ciente que a invisibilidade sócio-histórica das populações negras em Joinville e no sul do Brasil teve como mecanismo político principal as taxas demográficas, que se tornaram um instrumento que serviu para a narrativa da insignificância e até mesmo da inexistência das populações não-brancas na formação da cidade (Conceição, 2022). Entretanto, pesquisas historiográficas mais recentes estão em busca dessas vidas que foram apagadas da história de Santa Catarina e de Joinville.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, utiliza procedimentos bibliográficos e documentais e a técnica de análise de conteúdo para tratamento dos dados que são os registros fotográficos, realizados pela autora na exposição “Miradas do Porvir” durante uma visita ao MNIC, e documentais. Para atingir os objetivos do artigo, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, que consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Mas isso não é suficiente para definir a especificidade da análise de conteúdo (...) A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (2016, p. 44).

A técnica de Análise de Conteúdo consiste em desenvolver uma: a) a pré-análise; b) a exploração do material; e, c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A respeito da pré-análise, que compreende a fase inicial de análise dos dados e sua organização, Bardin evidencia que este momento “corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (2016, p. 126). Desse modo, após uma seleção do conteúdo da exposição, foram estabelecidas categorizações, dentro da noção de gênero, raça e classe, e foi feita uma análise crítica das narrativas tendo como base o referencial teórico do artigo.

Tabela 1: Categorias escolhidas para a análise

Categorias de análise do conteúdo da exposição Miradas do Porvir
Menções da exposição acerca de aspectos raciais (brancos, negros, indígenas e amarelos).
Menções da exposição acerca de aspectos de gênero.
Menções da exposição acerca de aspectos de classe.
Menções da exposição sobre imigração.

Fonte: autoral.

3. ANÁLISE DE FONTE: RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A PRINCIPAL TEMÁTICA DA EXPOSIÇÃO MIRADAS DO PORVIR: A IMIGRAÇÃO

A principal pauta da nova exposição é a imigração como um direito humano, por isso, é interessante problematizar como o museu aborda essa temática. Uma das primeiras imagens que o visitante tem acesso ao adentrar no espaço museal é um quadro com a mensagem “Somos todos imigrantes” em vários idiomas. Nessa imagem há o perfil de várias pessoas de variadas origens, algumas do tempo presente, outras já falecidas; o que demonstra a concepção de que a imigração é uma ação humana que possui uma longa duração na História. Na mesma seção está presente uma obra de arte que, a princípio, tem como objetivo demonstrar o passar do tempo. Nela constam uma pegada de pé descalço, um calçado mais aberto de madeira, uma botina e um tênis, o único que está em um solo concretado. É como se dependêssemos uns dos outros ao longo do tempo, no entanto, a obra tem uma visão bastante evolutiva da história. O museu, ainda, tem alguns jogos interativos com o intuito de falar sobre a temática da imigração a partir de variados povos e nacionalidades. O jogo que se chama “Sabe de onde eu vim?” tem o intuito de indicar que o Brasil é formado por diferentes povos que transformaram o país através de sua cultura, culinária, arquitetura, religiosidade e outras tradições.

Figura 1: Pannel “Somos todos imigrantes”



Fonte: fotografia autoral.

O museu também se propõe a problematizar o perfil desejado do imigrante no século XIX. Indicando que o tipo ideal era o de pessoas brancas, cabelos loiros e olhos claros. Nesse quadro eles não questionam o projeto de embranquecimento do país na época e as ideias eugenistas, somente em outro quadro isso é problematizado. É perceptível uma exaltação do imigrante europeu branco em diferentes partes do museu. O museu reitera a narrativa do imigrante europeu que é enganado por propagandas das empresas colonizadoras, cruza o oceano em busca de oportunidades, chega na colônia e tem uma vida difícil. Há um grande

ênfoque nas contribuições dos imigrantes brancos europeus para o Brasil seja no idioma, na culinária ou na cultura.

Figura 2: Obra de arte exposta no museu



Fonte: fotografia autoral.

Há uma breve menção acerca do sequestro de africanos que posteriormente são escravizados. É indicado que por se tratar de um tema complexo, a temática será abordada em um painel específico, em tela *touch screen*. Esse artigo não chegou a analisar as telas *touch screen* do museu, então futuramente seria interessante abordá-las. Há um grande painel acerca da imigração e chama-se “Os grandes deslocamentos”. É quase impossível não pensar na diáspora africana quando vemos esse título, mas não para o MNIC. Apesar de ter um pequeno texto que menciona o tráfico de africanos para o Brasil, esses imigrantes não constam na principal gravura do painel. Inclusive há uma evidente distorção do mapa mundi para aproximar o continente europeu do sul do Brasil. Esse mapa chama a atenção dos visitantes, como pode ser visto na Figura 3 onde uma pessoa fotografa especificamente o continente europeu. Fato é que se este não for problematizado, ele somente reiterará a história hegemônica de Santa Catarina que supervaloriza a imigração europeia em detrimento da presença de outros povos.

Figura 3: Painel “Os grandes deslocamentos”



Fonte: fotografia autoral.

Esse painel é problemático porque o museu ignora na ilustração a diáspora africana de mais de 12,5 milhões de africanos que foram trazidos para o continente americano de 1514 a 1866 – a maior parte (61%) entre 1750 e 1850, de acordo com a Revista Pesquisa Fapesp. Adiante, como o MNIC tem como principal objetivo falar sobre a imigração como um direito, a exposição levanta a discussão sobre as migrações na atualidade devido a conflitos políticos, pobreza, falta de oportunidade, perseguições étnicas e religiosas. O painel é ilustrado com uma fotografia de refugiados sírios e iraquianos chegando à Grécia em 2016:

Com base nesses dois documentos, a Agência da ONU para Refugiados promove instrumentos internacionais para a proteção dos refugiados e supervisiona sua aplicação. No entanto, com o recrudescimento de conflitos em diversas partes do mundo e as constantes ameaças contra a vida, na atualidade tem sido crescente o número de pessoas refugiadas que se aventuram em rotas perigosas - por terra e por mar - buscando ingressar em outros países. Essa situação tem gerado prisões, separação de famílias, deportações e mortes de adultos e crianças. São eventos trágicos que se repetem enquanto a humanidade não reconhece, de forma incontestável, a imigração como um direito de todas as pessoas (Exposição Miradas do Porvir, 2024).

Figura 4: Painel “Imigração: um direito”



Fonte: fotografia autoral.

3.2 AS QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA EXPOSIÇÃO MIRADAS DO PORVIR

As questões de gênero que aparecem no museu são principalmente atribuições às identidades normativas ditas femininas e masculinas. A representação feminina se dá com um chapéu dito feminino e um leque e à imagem do sujeito masculino é atribuída ao chapéu dito masculino, armas e uma bigodeira. A exemplo disso, consta uma foto de Albert Julius

Kroehne, prefeito de Joinville entre 1887 e 1890 e uma legenda que indica que “o uso das espingardas nas colônias servia principalmente para a caça de alimentos e a proteção das colônias, e entre os alemães, seu uso também era promovido como sociabilidade nos chamados Clubes de Tiro”. Pode-se problematizar também a noção de uso das armas como proteção e sua relação com a figura masculina, sendo que na historiografia é indicado que aconteceram muitos embates desiguais utilizando armas de fogo entre colonos europeus e indígenas.

Ainda dentro do casarão, uma imagem chama a atenção ao retratar a vida de um homem ao longo do tempo. Ela tem o título *Das Stufenalter des Mannes* – Os estágios da vida do homem, em tradução livre – e indica como o homem deve agir ao longo de sua vida, da infância à morte. É curioso que na figura, a mulher na vida do homem desaparece após o nascimento dos filhos; como se sua função na vida fosse somente engravidar. No museu, também, pouco se fala de Julie Engell, a mulher que fez os primeiros desenhos, em xilogravura, da Colônia Dona Francisca para fins de propaganda, desenhos estes que foram reproduzidos nos jornais europeus. Além disso, algo que chamou a atenção é a tentativa de interação com o público, por parte do museu, para se fazer fotos dentro da exposição. Nela há uma espécie de filtro para *Instagram* para os visitantes tirarem fotos com uma indicação de gênero bastante binária (homem cis/mulher cis) e esteriotipada: uma representação de um bigode e um batom.

Figura 5: Quadro *Das Stufenalter des Mannes*



Fonte: fotografia autoral.

Na parte de trás do casarão, no lado de fora, tem uma pequena casa enxaimel, construção de origem europeia, que faz parte da exposição. Nesse espaço tem um escrito que comenta sobre os “Saberes e domínios femininos”. Apesar do texto dar destaque à mulher, ele reitera que sua participação se dá somente em torno dos filhos, do marido, da casa e da roça,

não problematizando esses papéis de gênero e a dupla jornada da mulher: “Entre suas atividades diárias estavam cozinhar, lavar, limpar, costurar, alimentar, ordenhar os animais e educar os filhos”. Não foi possível encontrar o papel da mulher indígena e negra na exposição. Isso é importante porque a análise da fonte leva em conta o conceito da “interseccionalidade”, de acordo com Bruna Cristina Jaquetto Pereira:

O termo “interseccionalidade” foi cunhado em 1989 pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, como crítica do feminismo negro à tendência a se abordar “raça e gênero como categorias mutuamente exclusivas de experiência e análise” (Crenshaw, 1989, p. 139, tradução minha). (...) Crenshaw (1989) alegou que as análises que empregam gênero ou raça como categorias unitárias de subordinação resultam no apagamento teórico de mulheres negras, sobretudo no que se refere à conceitualização, identificação e enfrentamento à discriminação racial e “por sexo”. As análises tradicionais sobre a discriminação racial privilegiariam homens e pessoas negras das classes altas, e as apreciações da discriminação “por sexo” teriam por foco mulheres brancas e de classes privilegiadas. Apenas adicionar “mulheres negras” a análises derivadas de categorias únicas não seria suficiente para refletir de maneira adequada as discriminações em tela (2021, p. 447).

As questões de raça estão muito presentes na exposição. Em um dos murais principais do MNIC há a frase “Encontro com outros povos”. Percebe-se que o objetivo dele é fazer o visitante perceber que já existiam outros povos quando os imigrantes europeus chegaram em Joinville. No entanto, a perspectiva dominante do museu ainda é a do europeu que encontra um “outro”. No quadro indica que suas relações eram permeadas por conflitos por causa do jogo de ocupação do território, porém o texto não evidencia a invasão de território indígena por parte do europeu. Há uma menção sobre a Lei de Terras de 1850, informando que ela não reconhecia como proprietários os indígenas, mestiços e escravizados, além de que impunha dificuldades para as famílias pobres. Também há um enfoque na exposição de que não havia estrutura para habitação dos colonos e que as empresas colonizadoras os endividaram.

No museu há uma menção de que havia conflitos com povos indígenas e colonos, colonos e negros, também entre colonos e caboclos. Nessa parte da exposição há uma explicação sobre o termo colono, ela tem a preocupação de questionar o preconceito que cerca o termo colono. Na exposição há, ainda, o painel “A imigração nas Américas”. Nele encontram-se os fatores para busca de imigrantes e ocupação do território os quais são, na visão do museu, produzir alimentos e estabelecer povoações que ajudassem a defender fronteiras. Não existem menções ao projeto colonial nessa parte. Os primeiros imigrantes

citados são os europeus, em segundo lugar eles indicam os africanos “para trabalharem como escravizados” e indica a imigração dos portugueses.

Há um texto de nome “O contexto da imigração no Sul do Brasil”. Sua explicação é a partir da visão dos colonizadores partindo dos europeus, ao menos, há um conteúdo breve sobre a escravização de africanos na região de Joinville pelos portugueses. Uma parte pode ser problematizada que diz: “ainda eram vastas as terras do sertão (interioranas inexploradas), que precisavam ser ocupadas para (...) proteger as possessões territoriais portuguesas contra a apropriação hispânica”. Nesta parte, o texto do museu é bastante favorável ao projeto colonizador tendo em vista que não problematiza a questão de um certo “vazio demográfico” no Brasil. Algumas partes das exposições, no entanto, são relevantes e contribuem para a problematização de conteúdos históricos como o texto informativo acerca do projeto de branqueamento da população brasileira onde é comentado que no início do século XIX a população do Brasil era de aproximadamente 3,25 milhões de habitantes, sendo que os brancos correspondiam a pouco menos de um terço do total, os considerados negros e mestiços somavam cerca de 2 milhões de pessoas e a população indígena era estimada em 252 mil pessoas, ou seja, a maior parte da população era negra e indígena. Ainda é dito que é nesse contexto que os imigrantes europeus passam a ser desejados pelo Governo Imperial Brasileiro no intuito de embranquecer os habitantes do território, em busca de efetivar o projeto branco civilizatório que – ancorado no pensamento científico da época – hierarquizava culturas e etnias.

Figura 6: O projeto de branqueamento da população



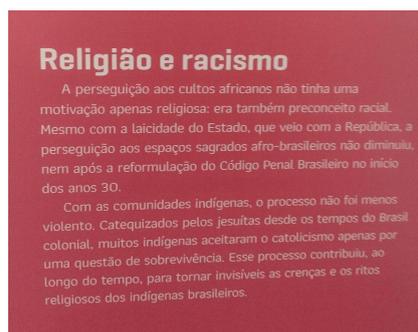
Fonte: fotografia autoral.

Os povos indígenas aparecem na exposição do MNIC, ao elencar o contato do europeu com os povos originários e a disputa pela terra. No entanto, o museu leva em conta uma narrativa de extermínio dos povos indígenas, o que é criticado pela nova historiografia indígena tendo em vista que os povos indígenas resistiram e resistem até os dias atuais. Além disso, o museu critica o governo brasileiro por não considerar a presença indígena no seu projeto de colonização no século XIX. Há outra crítica aos europeus que não consideram os indígenas como um outro igual, mas sim como um outro “selvagem” e inferior. Um aspecto da agência e resistência indígena presente nos painéis é quando se fala que havia confrontos em que indígenas atacavam os colonos e seus ranchos. Nessa parte há uma crítica aos bugreiros que por muito tempo foram tratados como “heróis”. A narrativa do museu é um pouco contraditória ao pensar que ora se tem o conteúdo sobre o projeto colonial sem criticá-lo, ora se fala da violência desse projeto colonial a certos grupos.

Maior que o texto dos indígenas e dos negros é o escrito sobre a campanha de nacionalização da Era Vargas, ou seja, há uma maior preocupação em contar a história da população branca por parte do MNIC. Além disso, os indígenas são tratados com muitas generalizações; o que é problemático pois impede a compreensão, por parte do visitante, da diversidade cultural indígena. A narrativa sempre parte da perspectiva dos imigrantes europeus em relação a um outro, por mais que o museu tente contar a história por uma nova perspectiva: “Apesar das evidências documentais que atestam a presença de negros, escravizados e libertos, na região desde a intalação da Colônia Dona Francisca, ela foi durante muito tempo negligenciada, inclusive por parte da historiografia local.” (Exposição Miradas do Porvir, 2024).

No MNIC há um painel interessante sobre “Práticas de fé e religiosidade”. Nele consta que a relação dos imigrantes europeus com a religião muda na colônia devido a pouca oferta de padres e a distância da paróquia. Na seção “Proibidas, perseguidas e criminalizadas” são relatadas que as religiões de matriz africana sofreram perseguições e foram estigmatizadas, por isso as irmandades eram organizadas em alguns locais. Comenta-se na exposição que negros e negras reorganizavam as suas práticas religiosas para não serem perseguidos. Na seção “Religião e racismo” é indicado que a perseguição era por motivo racial e que indígenas também sofreram com a proibição de desenvolver suas crenças e foram catequizados pelos brancos. Essa parte possui dois parágrafos curtos para temas tão importantes. Há um pequeno destaque para as religiões não ocidentais como a dos judeus, dos muçulmanos e de asiáticos como o xintoísmo, o taoísmo e o budismo.

Figura 7: Painel “Práticas de fé e religiosidade”



Fonte: fotografia autoral.

Por fim, no lado de fora do casarão tem uma espécie de pavilhão com algumas máquinas para fazer farinha e erva-mate. Nessa seção é exaltado o trabalho e a indústria, não há nenhuma menção ao trabalho escravizado nos engenhos do século XIX e não existe nenhuma relação aos conhecimentos indígenas – que foram fundamentais para a sobrevivência dos colonos europeus – na área do pavilhão quando se fala do plantio da erva-mate, somente dentro da residência principal. De acordo com o historiador Willian Luiz da Conceição:

A história de Joinville como foi escrita e concebida até recentemente por seus historiadores e exaltada no plano político por seus propagandistas compreendeu um dispositivo da superioridade étnico-racial branca, assentado na “germanidade” ou no “germanismo” (Deutschtum) – motivado principalmente na hegemonia do espírito alemão (Zeitgeist) sob a escrita da história. Essa hegemonia só pode se dar a partir de uma conversão de fatores que envolveram a fabricação da inferioridade racial das populações de origem africana e indígenas – e, certo caráter “degenerativo” e demais permissivo da cultura lusitana. Por outro lado, valorizaram-se os elementos alemães, muitas vezes soterrando outros grupos germânicos. Salvo suas adversidades históricas, conflitos e até mesmo violências sofridas por esses, em resistência, ao caráter nacionalista advogado pelos governos brasileiros – os alemães tornaram-se, ao mesmo tempo, sinônimo de superioridade étnica e um verdadeiro perigo à unidade do Estado-Nação e à brasilidade (2022, p. 25).

As questões de classe presentes na exposição estão ligadas ao primeiro dono da casa de onde fica o museu hoje, Frédéric Brüstlein, e a exaltação dos chamados “Príncipes de Joinville”. Na exposição é indicado que a casa que abriga o MNIC foi construída em 1870 a pedido de Brüstlein e é inspirada nas residências da burguesia parisiense. As palmeiras que estão próximas a casa e decoram a “Rua das Palmeiras” foram trazidas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Quando se fala do casarão, chamada pelo museu de *Maison* de Joinville, é

dado um grande destaque da sua relevância para a própria história da cidade porque, segundo o museu, “a implantação da Colônia Dona Francisca tem conexão direta com a construção da Maison de Joinville”, também é destacado que a residência tem “importância histórica como sede do Domínio Dona Francisca, localizada em um dos maiores e mais importantes núcleos de colonização alemã do Brasil no século XIX” (Exposição Miradas do Porvir, 2024).

Nos painéis que fazem relação com a residência e a história de Joinville, a tradicional história da cidade é replicada, ou seja, fala dos “primeiros imigrantes” que vieram com a Barca Colon e brevemente mencionam que já havia pessoas habitando a região que hoje é Joinville. A história tradicional também é repetida em relação a Joinville e aos príncipes Francisca Carolina e François Ferdinand no painel “Um casamento, um dote, uma colônia”. Fato é que há uma hipervalorização da história da cidade através dos príncipes que nunca vieram até Joinville e há uma breve explicação acerca da crise financeira que acometeu o príncipe francês devido ao período da Revolução de 1848 na Europa e que por isso precisou vender o dote recebido do casamento.

Figura 8: Painel “Formação e organização da Colônia Dona Francisca”



Fonte: fotografia autoral.

É perceptível que o MNIC pretende ser um espaço de memória para os joinvilenses, mas que somente guarda objetos de famílias mais abastadas e teuto-brasileiras. Observa-se isso pelos móveis e outros objetos do museu: “A primeira peça registrada como acervo, foi um relógio do tipo “carrilhão” (...) outros móveis e utensílios integravam os objetos de uso cotidiano da residência como, por exemplo, mesas e cadeiras, um *étagère* e conjunto de porcelanas (Exposição Miradas do Porvir, 2024)”. Uma das únicas menções à classe trabalhadora que se relaciona com a *Maison* é no painel “A *Maison* de Joinville, residência e casa de trabalho” que tenta contar uma história dos trabalhadores que passaram pela casa, contudo há uma menção genérica relatando que na casa havia: empregadas domésticas,

jardineiros, caseiros e uma governanta, a essa última dão algum destaque, Guilhermina Bennack, pois Frédéric Brüstlein deixa parte de sua herança para ela e seu filho.

Este museu durante mais de quatro décadas dedicou-se a abordar a cultura teuto-imigrante, que em seu fazer museológico foi traduzida como história de Joinville. A comissão demarcou o sentido da história a ser contada e com olhar apurado estabeleceu o tempo referencial dos objetos a recolher, contanto que realçassem os contornos de uma cultura germânica concebida como originária. As narrativas que outrora ficaram em segundo plano ou nem mesmo foram abordadas emergem no presente como o centro das preocupações desta instituição museológica. Assim, o MNIC mostra que as versões do passado não precisam ser antagonicas e conflitantes, são apenas versões (Exposição Miradas do Porvir, 2024).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo principal analisar as narrativas históricas presentes na exposição “Miradas do Porvir” a partir da técnica de análise de conteúdo, levando em conta os conceitos de “espaço da exposição” e “interseccionalidade”. Portanto, para ser feita a análise foram organizadas quatro tipo de categorias: 1. Menções da exposição acerca de aspectos raciais; 2. Menções da exposição acerca de aspectos de gênero; 3. Menções da exposição acerca de aspectos de classe; e 4. Menções da exposição sobre imigração.

Durante a análise das questões acerca da imigração, principal foco do MNIC, pode-se concluir que há uma tentativa da instituição tratar o tema com uma maior complexidade e difundir a ideia da imigração como um direito humano. O museu também problematiza as questões da tentativa de branqueamento da população no século XIX com as imigrações europeias, o que considero muito interessante. No entanto, ainda há uma evidente exaltação do imigrante europeu branco. Isso é evidente no painel “Os grandes deslocamentos” quando a diáspora africana é totalmente excluída da principal ilustração e das demais partes do MNIC.

O resultado da análise da categoria de gênero indicou que há um pequeno esforço do museu em inserir as questões de gênero e que ao longo da exposição são reforçados alguns estereótipos de gênero. A exemplo disso, a figura da mulher é associada ao mundo doméstico, enquanto o homem é associado ao trabalho e à proteção da colônia. A análise observou que o museu considera em sua exposição uma mulher e um homem universal, portanto abastada(o), branca(o) e de origem europeia, não levando em conta igualmente o papel das mulheres e homens negros e indígenas nos painéis. Ainda, nem mesmo a dupla jornada da mulher colona de origem europeia é problematizada. E até na interação com o público os estereótipos de

gênero são reforçados pois influenciam os visitantes a tirarem fotos com um filtro que representa um bigode e um batom.

O resultado da análise da categoria de raça demonstrou que há uma tentativa do MNIC de falar sobre as experiências de pessoas racializadas para além dos imigrantes brancos. No entanto, o imigrante europeu ainda é muito exaltado ao longo da exposição. A própria frase “Encontro com outros povos” já revela que o imigrante europeu é posto em primeiro lugar. É ele que conta a sua história, ou seja, ocorre a repetição da narrativa tradicional de Joinville só que com uma tentativa de complexificação dela. Essa versão ampliada da narrativa oficial é bastante problemática com os povos indígenas que somente aparecem para serem coagidos ou exterminados, o que é tão criticado pela nova historiografia indígena. Algo que chamou a atenção, é que o museu critica que a população negra foi marginalizada da história de Joinville, mesmo tendo evidências documentais que apresentam o oposto. Além disso, uma seção interessante é a de “Práticas de fé e religiosidade”. Nela é comentado sobre as perseguições das religiões de matriz africana e a questão da catequização dos indígenas. Porém, temáticas tão interessantes como essas são postas em pequenos parágrafos. Por isso, pode-se concluir que a narrativa do museu é contraditória, pois nos painéis estão presentes textos que abordam o projeto colonial, sem criticá-lo, e em outros painéis comenta-se da violência desse projeto aos grupos que foram subalternizados na colonização.

O resultado da análise da categoria de classe observou que a discussão aborda principalmente a vida do primeiro morador da *Maison* de Joinville, Frédéric Brüstlein, e a família imperial por conta da narrativa acerca dos “príncipes de Joinville” que receberam um dote de casamento na região que hoje é a cidade. Percebe-se também que o museu pretende ser um espaço de memória para os joinvilenses, mas a instituição somente guarda objetos de famílias mais abastadas e teuto-brasileiras. O que não condiz com a realidade da maioria dos joinvilenses que são moradores da cidade no tempo presente. Por fim, há uma breve menção à classe trabalhadora na exposição quando se comenta que tiveram pessoas que trabalharam na *Maison* de Joinville: empregadas(os) domésticas(os), jardineiros, caseiros e uma governanta.

Há um painel onde é comentado que por 40 anos o MNIC se dedicou a abordar a cultura dos teuto-imigrantes, deixando de lado as narrativas que não contassem a história de Joinville a partir da cultura europeia e, principalmente, a germânica. No entanto, o museu indica que “As narrativas que outrora ficaram em segundo plano ou nem mesmo foram abordadas emergem no presente como o centro das preocupações desta instituição museológica (Exposição Miradas do Porvir, 2024)”. O museu ainda cita que ele pretende mostrar que as versões do passado não precisam ser antagônicas e conflitantes, mas sim que

“são apenas versões”. Porém, o que a análise do artigo conclui é que apesar da preocupação do museu em contar novas versões da história de Joinville, a perspectiva predominante ainda é a do imigrante europeu branco.

Portanto, conclui-se que essa preocupação do museu demonstra que a história de Joinville está passando por uma disputa de narrativa, muito por causa dos movimentos sociais da cidade que questionam essa “história única” (Adichie, 2019) e hegemônica da cidade. A exemplo disso, o Movimento Negro Maria Laura tem como uma de suas pautas reivindicar que “Joinville também é negra!”. Dito isso, fica evidente que a luta por uma nova história de Joinville é bastante grande e complexa. Essa nova história precisa ter narrativas plurais que abordem os variados grupos sociais da cidade, ou seja, a população negra, os povos indígenas e as pessoas da classe trabalhadora de Joinville. Fato é que continuamos lutando para alcançar essa nova história, afinal, a história de Joinville não pode ser apenas da branquitude.

REFERÊNCIAS

Fonte:

Exposição “Miradas do Porvir” do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville – MNIC

Bibliografia:

6º Festival do MNIC reúne culturas de vários países no próximo domingo. **Prefeitura de Joinville**, online, 07 de outubro de 2024. Disponível em: [6º Festival do MNIC reúne cultura de vários países no próximo domingo - Prefeitura de Joinville](#). Acesso em: 03 de novembro de 2024.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

América, mosaico da África. **Revista Pesquisa Fapesp**, online. Disponível em: [América, mosaico da África : Revista Pesquisa Fapesp](#). Acesso em: 03 de novembro de 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª reimp. da 1ª edição. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **LEI Nº 3.188, DE 2 DE JULHO DE 1957**. Cria o Museu Nacional de Imigração e Colonização na cidade de Joinville, Estado de Santa Catarina, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1957.

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em Joinville/SC**. In: CARDOSO, Felipe.

Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC/Orlando Afonso Camutue Gunlanda, Felipe Cardoso, Rhuan Fernandes. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

CARDOSO, Felipe. **Fragmentos negros:** perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC/Orlando Afonso Camutue Gunlanda, Felipe Cardoso, Rhuan Fernandes. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

COELHO, Ilanil. **Pelas Tramas de uma Cidade Migrante (Joinville, 1980-2010).** 2010. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em História da UFSC) - Universidade Federal de Santa Catarina.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de museologia.** São Paulo: Armand Colin, 2013. 101 p. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Disponível em: [Conceitos-chave de Museologia](#). Acesso em: 18 abr. 2025.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados:** a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: [Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial | Cadernos Pagu](#). Acesso em: 22 set. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Iphan inaugura exposição no Museu Nacional de Imigração e Colonização, em Joinville (SC). **Ministério da Cultura**, Brasília, 23 mai. 2024.

MACHADO, E. C.; Corrêa, A. R. C. **O Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville:** etnização e exclusão - o caso da erva-mate. Revista Santa Catarina em História , v. 1, p. 57-70, 2014.

PEREIRA, B. C. J. (2021). **Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade.** Civitas: Revista De Ciências Sociais, 21(3), 445–454. Acesso em: [Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade | Civitas: revista de Ciências Sociais](#).